

A TORTUOSA VEREDA DO MÉTODO: GILBERTO FREYRE – LITERATURA OU CIÊNCIA SOBRE O BRASIL?

NILSON ALMINO DE FREITAS

RESUMO

O presente ensaio pretende acompanhar a sinuosidade metodológica de Gilberto Freyre na compreensão da realidade brasileira. Discute-se aqui tanto o estilo da escrita quanto a forma peculiar de fazer ciência do autor pernambucano, sempre contextualizando seu pensamento no tempo em que escreve. Pretende-se também refletir a sociologia do movimento histórico elaborada por Freyre que não está pautada em generalizações arbitrárias e caracterização importadas, mas sim em detalhamento e explicitação da peculiaridade da “civilização brasileira”, sem perder de vista a situação do Brasil no conjunto das relações entre as diferentes nações.

* Professor de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú e Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

É muito comum nos ensaios acadêmicos dedicados à compreensão do pensamento de determinado autor uma preocupação do ensaísta com a construção de classificações relativas ao modelo teórico seguido ou estilo de apreensão da realidade habitualmente praticado pelo autor analisado. Uma primeira leitura das obras de Gilberto Freyre, entretanto, causa angústia para aquele analista desavisado que busca adjetivar seu estilo e sua forma de apreensão da realidade de forma unívoca. Esta é uma tarefa difícil de ser implementada, principalmente quando direcionada a um autor que resvala em várias linhas de pensamento de sua época, sem se entregar totalmente a nenhuma delas; “escorrega” em diversos modelos de pensamento, sem cair completamente em suas “armadilhas”; evade a ortodoxia da práxis científica, sem fugir de seu rigor; e utiliza inúmeros subterfúgios “performáticos” e “artísticos” originais para passar sua mensagem em forma de texto, sem ser vago e pouco objetivo. Portanto, sua obra foge das classificações, ao mesmo tempo em que não as perde de vista.

Sua obra mais famosa, por exemplo, Casa-Grande & Senzala, comentada e analisada largamente por diversos autores, é exemplo de um texto construído artesanalmente. Construção essa, executada com todo cuidado e habilidade possível para sua época. É um “mosaico”, fruto de uma monta-

gem que cria uma unidade entre técnicas distintas de “design” para construção de imagens textuais, aproximando-se dos livros de literatura. Ao mesmo tempo, preocupa-se em registrar de forma rigorosa e metódica a história social do Brasil. Ou seja, nesse livro, cuja primeira edição data de 1933, estão presentes dentre outras coisas, uma singularidade e uma clareza própria de escritos literários, sem deixar de ser uma obra científica.

A qualidade de escritor estilisticamente típico do romance literário atribuído ao autor é inclusive ressaltada por ele mesmo em um de seus textos (FREYRE, 1968). O título do capítulo que resalta suas façanhas de escritor já sugere esta nuance de sua forma particular de produzir textos: “Como e porque sou escritor, sem deixar de ser um tanto sociólogo”. A dimensão “literária” de seu trabalho caracteriza, segundo ele próprio resalta, um “escritor” curioso que usa como instrumental analítico a ciência sociológica. O autor, neste texto, não quer entrar no mérito se ele é ou não um bom escritor, e sim, compreender sua própria forma de construção textual. Para isso, primeiramente, aborda as características do escritor.

O FAZER CIÊNCIA: A VISÃO DO “ESCRITOR” GILBERTO FREYRE

Para Freyre, o escritor é aquele que nada tem de burocrático. Sua atividade é de pura aven-

tura, contrária a rotina metódica e tediosa de um tipo de literato muito comum na academia, que não consegue de seus escritos senão reproduzir mecanicamente o que aprende. A distinção para a qual Freyre chama atenção, portanto, está entre o escritor e o "... beletrista livresco ou do homem de letras mesmo clássicas, que escreve livros apenas parasitários" (FREYRE, 1968:167).

O escritor, segundo Freyre, está dentre os que vivem do ofício, das artes ou de profissões liberais, e, ao mesmo tempo, não pertence particularmente a nenhum destes grupos. Sua atividade é incerta e insegura. Tende a ser independente, não se associando especificamente a nenhuma classe, raça ou sistema ideológico exclusivo, sem abandona-los completamente. É múltiplo ou plural na expressão de suas experiências, recriando o que vê. Seu estilo exprime "faculdades indisciplináveis" em forma de confidências de "impressões hiperagudas" que parecem expandir a força vital do assunto sobre o qual escreve.

Essas características estilísticas, segundo Freyre, são típicas, principalmente, do escritor ibérico. Segundo ele, estes escritores são contrários a requintes que tornem sua criação "uma arte de escritor para escritores". O escritor hispânico, muito mais que o português, é extremamente realista, intenso em sua interpretação da vida. Na caracterização de fatos, estes ganham vida e movimento em seus escritos, ganhando inclusive composições de frases inacadêmicas. Esse tipo de escritor passa a ser "... um intérprete da vida sentida, sofrida, experimentada, interpretada, nos seus contrastes, através de uma mais ou menos intensa participação do escritor nessa mesma vida" (FREYRE, 1968:174). Na visão de G.F, neste aspecto, a obra escrita aproxima-se da obra produzida por um tipo de sociólogo que pratica a análise participante. Este tipo de cientista social, para Freyre, transparece em seu escrito uma possível intensa participação compartilhada na vida cotidiana daqueles sobre os quais escreve, tentando mostrar a experiência deles como se também as tivesse experimentado.

O autor de Casa-Grande & Senzala, dizendo-se modesto, e, ao mesmo tempo, afirmando sua postura estilística como escritor, ressalta que, o escritor pode correr o risco de ser criticado por reduzir seu texto a um amontoado caótico de imagens que tanto são inválidas cientificamente como não seriam sugestivas para uma análise investigativa. Neste sentido, afirma:

Concordo em que haja, nos meus trabalhos, objetos dessas críticas, além de desordem e repetições, de negação de virtudes convencionalmente literárias, por um lado, e de convencionalmente científicas, por outro, como virtudes puras ou castiças em suas formas acadêmicas ou ortodoxas. Não sou escritor – se é que sou escritor – fácil de classificar; e nisto talvez seja caricaturescamente ibérico. O estilo que, segundo alguns críticos, caracteriza os meus trabalhos, reconheço não ser modelo de estilo científico – admitindo-se que fosse estilo, antes científico que literário, que eu procurasse atingir. Mesmo porque o ideal, em trabalhos puramente científicos, parece ser a quase ausência de estilo. Confesso-me anárquico, um tanto personalista, um tanto impuro, um tanto contraditório, um tanto desordenado e, nestes defeitos, uma caricatura daqueles escritores ibéricos ainda hoje inclassificáveis... (FREYRE, 1968:179).

O fato é que, segundo sua própria auto-análise, ele procura ser escritor servindo-se de sua formação, principalmente a antropológica, somando-se a ela a formação de sociólogo, de historiador social e pensador vinculado ao meio acadêmico. Porém, ao mesmo tempo, não se preocupa em ser antropólogo, sociólogo, historiador social ou pensador institucional. Nesse sentido chega comparar-se a um Lawrence da Arábia, segundo ele "esse inglês parente de espanhóis até no seu modo empático de ser moçárabe" (FREYRE, 1968:179), ou a Euclides da Cunha. Ele argumenta que sente total liberdade em expressar-se como escritor literário sem ter que se afastar de sua condição de cientista. A espontaneidade é a chave para a inovação, criando algo novo que foge ao adestramento das

perícias do cérebro do intelectual. Isso gera a autenticidade da obra.

Neste caso, Freyre, pensando na sua obra, ressalta que a independência também é uma característica estilística do escritor. Segundo ele próprio, como escritor, sempre tentou ser avesso a sistemas fechados e tirânicos que tendem a cobrar do intelectual uma filiação quase que partidária. O escritor autêntico, para G.F., tem que fugir disso e nunca deve se submeter. A inclinação do escritor é pela angústia e desejo constante de inovação, da renovação e da crítica. A marca do estilo do escritor, para Freyre, é o inconformismo sugestivo, provocante, evocativo, interpretativo e até epifânico.

Levando-se em consideração suas auto-análises estilísticas, pode G.F. ser incluído na listas das caracterizações apontadas por ele, principalmente quando se lê Casa-Grande & Senzala produzido em 1933, a sua simplicidade e clareza na forma de expressão textual, sem fugir totalmente dos termos e expressões usuais do campo das ciências sociais de sua época. Suas análises são nítidas, transparentes, sem rancores, mas sempre colocadas em contraste com as diversas formas de apreensão da realidade social da época. Na evocação das obras de outros autores ele chega a ser exaustivo e até, em certos momentos, repetitivo.

O seu texto também apresenta uma continuidade “rítmica” próxima da oralidade evocando imagens e sentidos, como diria Thomaz retomando a afirmação do antropólogo Ricardo Benzaquen de Araújo (THOMAZ, 2001):

...é a partir de uma escrita cujo referencial são os termos da vida cotidiana que Freyre dialoga com o leitor, transformando-o num partícipe do drama nacional; assim, Freyre nos introduz num universo profundamente sensorial, povoado de cheiros, sons, sabores e imagens que, inevitavelmente, evocam a memória do leitor. Memória não da experiência individual, mas aquela que diz respeito ao mito, às histórias que escutamos uma e outra vez na infância e adolescência, que não nos levam a um tempo preciso, mas a qualquer época da nossa história coletiva e individual (THOMAZ, 2001:13-14).

Desta forma, o ritmo imposto por Freyre favorece um alcance visual que vai além da constatação pura e simples dos fatos. O predomínio e a insistência no aprofundamento sensorial imposto ao leitor faz do seu texto uma extensão ou um suporte das reminiscências de quem lê, prendendo sua atenção. Sua obra aguça os sentimentos e desejos fazendo com que o leitor, principalmente o brasileiro, se veja no texto. Neste sentido, em alguns momentos o ritmo parece dispersar-se sobre coisas que parecem divagações caleidoscópicas com apologias nostálgicas e observações folclóricas dos tempos da casa-grande.

Além disso, principalmente no livro Casa-grande & Senzala, percebe-se em sua obra uma clareza de junção das partes que compõem um grande “quebra-cabeça” montado pelo autor para entender o que é o Brasil. Há uma diferenciação direcional nítida quando o autor tenta se reportar a temas adjacentes, mas o tema central continua sustentando a obra, sem que o leitor perca uma consciência de movimento. As mudanças de direção constantes, pelo contrário, fazem com que o leitor tenha um “alcance visual” privilegiado sobre o assunto tratado. Ou seja, ele faz com que o leitor brasileiro, principalmente, se torne sensível ao seu próprio movimento real ou potencial no contexto da cultura de que faz parte. Isso porque está marcada uma série temporal que tende a estimular a compreensão neste sentido. O passado é evocado como fundante do mundo vivido no presente, e não como uma coisa “velha”, “antiquada” e “obsoleta” que deve ser esquecida por ser “um tempo que passou”.

As séries temporais marcadas no texto de Casa-Grande & Senzala, por exemplo, que em um primeiro momento parecem ilógicas, demarcam de forma significativa uma existência e experiência entre pessoas e entre pessoas e objetos, sejam materiais ou imateriais (fantasmas, mitos, lendas, fantasias, dentre outros) que estimulam uma entrada do leitor no tempo descrito, fazendo com que este que lê, principalmente o brasileiro, sinta-se como se estivesse

falando dele próprio e de sua experiência no mundo. Isso porque os nomes e significados enunciados, exaustivamente descritos e definidos, ainda estão muito vivos na memória dos que hoje vivem no Brasil.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DE GILBERTO FREYRE PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE BRASILEIRA

Diante dessas características estilísticas do “escritor” Gilberto Freyre, pode-se também aqui apontar algumas reflexões metodológicas com relação a sua forma típica de compreensão da história brasileira, demonstrando que além de todos os recursos estilísticos do escritor literário, o cientista também está presente em sua obra. O próprio Freyre (1968) considera que o seu trabalho diferencia-se do exercício analítico do historiador mais “cioso da pureza de seu ofício”. Procurando ser pouco ortodoxo em suas reflexões sobre a história, G.F. ressalta que à sua condição como historiador tem que ser acrescentado o substantivo “social”, que tem como fundamento os complexos socioculturais que vão além dos “grandes fatos”, dos “grandes heróis” e da história dos governos.

Como lembra Bastos (1986), a sua proposta metodológica é a de desenvolver uma “história sociológica” da realidade brasileira, na qual a forma mais eficiente é a da abordagem por “empatia”. Ou seja, a idéia de Freyre é a de construir uma história na qual o autor apresente uma imagem textual que dê a idéia de uma participação do autor nas vidas, não só materialmente, mas simbolicamente também, de pessoas já desaparecidas que encarnavam modos particulares de percepções, de práticas, de idealizações míticas, característicos de uma época ou de sua cultura.

Neste sentido, Bastos (1986) chama atenção que o autor recorre a elaboração de símbolos quase míticos de diferentes períodos da realidade brasileira. Estes símbolos compõem a cena histórica da realidade nacional e são pen-

sados enquanto tipos de estilos sociologicamente e historicamente distintos que aparentemente parecem se contrapor, mas concorrem para uma estabilidade sociológica que caracteriza a peculiaridade social brasileira. Segundo Bastos (1986), este recurso aproxima-se muito do “tipo ideal” weberiano, só que na obra de Freyre, os tipos compõem dualidades que se apresentam não como personagens, mas símbolos espaciais nos quais os personagens vivem e criam o seu cotidiano. Em obras como Casa-Grade & Senzala, Sobrados & Mucambos ou Ordem & Progresso, o “&” sugere uma interpenetração, aglutinação ou hibridação de termos que ilusoriamente parecem se contrapor. Os espaços representam mais do que edificações ou idéias. Representam condutas, práticas cotidianas, relação entre sujeitos sociais distintos e percepções ou mentalidades que parecem se opor, mas, ao contrário, se influenciam mutuamente.

Para perceber esta influência que se aproxima de uma aglutinação, Freyre recorre a um estudo detalhado e minucioso do cotidiano. Ele procura apreender a historicidade do social, descrevendo expressões da vivência e da convivência entre diferentes sujeitos no dia-a-dia. Para Bastos (1986), G.F. desenvolve uma

... Sociologia Genética que se especializa no estudo das origens e do desenvolvimento no tempo social, das instituições, sobretudo dos estilos de vida e de formas de convivência que se tenham tornado características do comportamento de um grupo humano (Bastos, 1986:69) [grifo da autora].

Esta Sociologia Genética parece partir do pressuposto de que os acontecimentos não são apenas vividos na realidade concreta, mas também pensados, assim sendo, a ciência não pode aprendê-los apenas pela sua exterioridade ou concretude material, mas também pela maneira como são interiorizados pelos indivíduos. O simbólico passa ser fundamental na compreensão da realidade nesta postura metodológica apontada por Freyre.

Para G.F. (1968) o cotidiano deve ser apreendido situado no espaço e no tempo. Dessa forma é imprescindível a utilização de dois métodos simultaneamente: o ecológico e o genético. Assim, a análise sociológica fugiria do campo da especulação e da generalização não ancorada na realidade. A análise, portanto, não pode fugir do campo da existência. Assim como, a realidade social não pode ser explicada apenas por argumentos causais ou abstrações generalizantes. O real demanda uma interpretação dos significados atribuídos a ele pelos indivíduos.

Bastos (1986) argumenta que, através desse método, Freyre busca captar o essencial através do existencial, negando a possibilidade de uma aplicabilidade legítima de um método evolutivo que nega a diversidade, as diferenças, ou interpreta a história como linear e genérica sem levar em conta as nuances e particularidades do cotidiano que são cambiantes e ambíguas. Ao contrário, a Sociologia genética de Freyre considera as particularidades e ambigüidades do cotidiano, contextualizando no tempo e no espaço.

Diante desses pressupostos, não há como definir precisamente a disciplina na qual Freyre está ancorado de forma precisa e definitiva. Não havendo unidade disciplinar em seu trabalho, ele incorpora em seu pensamento formas de “olhar” plurais, construindo um trabalho, ao mesmo tempo, antropológico, sociológico, psicológico e psicanalítico, com reflexões inspiradas também na estética, na arquitetura, na literatura e até na arte culinária brasileira. Seus textos seguem um movimento pendular entre as várias disciplinas das ciências humanas, subsidiadas inclusive pela Biologia, principalmente quando critica a visão dominante da época sobre a questão das raças.

Na obra *Casa-Grande & Senzala*, em alguns momentos, apesar de considerar o contexto sociocultural como fundante do caráter de um povo, aceita explicações climáticas para o comportamento típico do brasileiro, principalmente no que se refere a moral sexual. Porém, ressalta

não ser este o determinante principal (FREYRE, s/d). Para ele, o que ocorre no Brasil é uma plástica contemporização entre as duas tendências. O meio físico e bioquímico tende a “recriar à sua imagem os indivíduos”, porém a implementação de recursos técnicos importados impõe formas acessórias estranhas de cultura. Ou seja, a imposição de formas européias ao meio tropical foi readaptada a novas condições de vida e de ambiente nos trópicos. O aspecto sociológico e cultural, no caso brasileiro, foi adaptado às novas condições relativas ao meio ambiente.

Neste aspecto percebe-se a influência da obra de Franz Boas no pensamento do autor brasileiro. O próprio Freyre (s/d) chama atenção dessa influência. O autor pernambucano considera como fundamental as contribuições da obra do antropólogo alemão, principalmente no que se refere à diferenciação entre os efeitos de relações genéticas e de influências sociais. Para Boas, um aspecto influencia o outro, não são excludentes, devem ser compreendidos de forma contextualizada como relação.

Coerente com esta influência, Freyre aponta para a necessidade de articulação entre uma Sociologia Genética e uma Ecologia Social. Apoiado em Boas, Freyre em seus textos sugere a sua não satisfação com a explicação que coloca a proeminência na diferenciação cultural entre os povos, o fator racial na acepção biológica ou genética. Além desta insatisfação, o autor aponta a estreiteza da explicação do determinismo geográfico. Ao mesmo tempo, revela que não dá para compreender qualquer cultura sem levar em questão a relação homem e natureza, não mais como pensavam a tradição “sociobiológica” que opõe natureza humana e cultura, priorizando a dimensão da raça ou da herança genética, nem como oposição entre homem espaço. Ensina o pensador brasileiro que só podemos entender a cultura como relação contextualizada entre todas estas dimensões.

Portanto, com relação às barreiras disciplinares, Freyre transparece em seus escritos que não dá para compreender a realidade brasileira

somente privilegiando uma disciplina acadêmica como instrumento de análise. Em um de seus livros de 1968, já citado e comentado acima, ele chega a ironizar as barreiras disciplinares. O próprio título do livro: “Como e porque sou e não sou sociólogo”, sugere esta idéia. Nos capítulos do livro, alguns deles seguem este movimento pendular que imprime em seus trabalhos, nos quais, em cada um deles, assume uma postura disciplinar, variando entre o antropólogo, o historiador social, o sociólogo e, como forma de sintetizar sua mensagem, finaliza como escritor.

Seu estilo oscilante é também ressaltado por Menezes (2000). Para ele, Freyre é multidisciplinar, constituindo um discurso intencionalmente sinuoso. É autor de um texto que não tenta encontrar uma fórmula matemática explicativa e exata da realidade, mas uma interpretação sinuosa, não pejorativa, exprimindo uma tortuosa história de um povo. Para Menezes (2000),

Seu estilo cognitivo é predominantemente estético e se elabora num movimento metodológico do quase, do talvez e sobretudo do semi-, inclinação metodológica que se expressa na constância com que emprega esses termos, que são os mais freqüentes de seu discurso intencionalmente oscilante, sinuoso, nietzschiano e talvez dialético. Uma dialética da medianiz, pois, como sabemos, a medianiz é o espaço em branco entre duas linhas ou duas páginas impressas, aquele espaço em torno da costura. Tomo pois a sugestão metafórica da costura dos extremos para ilustrar esta capacidade de Gilberto Freyre de se apropriar dos interstícios do pensamento para construir sua própria interpretação (MENEZES, 2000:6)[grifo do autor].

Esta sinuosidade expressa na obra de G.F. causa incômodo na intelectualidade de sua época, “bagunçando” os territórios ideológicos delimitados na academia. Até então, a historiografia brasileira, com algumas exceções, ao contrário da perspectiva freyriana, era marcada por registros de “grandes fatos”, “grandes heróis” e datas precisas, além de apresentar trabalhos caracteristicamente céticos, buscando sempre encontrar o

motivo pelo qual “o Brasil não deu certo”. Freyre busca, ao contrário, demarcar a posição singular que o país ocupa no cenário mundial, tendo em vista sua particular síntese de antíteses culturais que se cruzam e se misturam formando uma nação “tupinizada”, “africanizada”, “orientalizada” e “ocidentalizada”, ao mesmo tempo, diferenciando-se inclusive dos “latino-americanos”².

No método utilizado para expressar sua compreensão sobre a singularidade cultural do Brasil, a vida cotidiana, a vida íntima das famílias, as técnicas de higiene corporal, a culinária, as brincadeiras de criança, a sexualidade, dentre outras características culturais vinculadas à vida íntima e privadas do povo brasileiro de distintos segmentos sociais, são amplamente usadas para construir um retrato de uma “nova nação” que permite um tipo ainda imperfeito de “democracia social”. Imperfeito na sua base política e econômica. Ou seja, para Freyre, quando a experiência brasileira é comparada a de habitantes de nações como, por exemplo, os Estados Unidos que, do ponto de vista econômico, vivenciaram uma situação semelhante, com a escravidão, a monocultura agrícola e o latifúndio, percebe-se no Brasil uma tendência à acomodação de grupos humanos que aparentemente deveriam ser contrários e opostos. Oposição esta que aconteceu de fato no caso norte-americano, consubstanciando-se em espaços segmentados e a formalização de um lugar social definido entre dominante e dominado.

No caso americano, culturalmente falando, ou o sujeito se define como negro ou branco. Já no caso brasileiro, e Freyre já chama atenção deste aspecto em Casa-grande & Senzala, percebe-se no cotidiano uma dificuldade ou indefinição na auto-classificação dos sujeitos sociais que se relacionam em distintos espaços sociais, institucionais ou não (escola, programas em veículos de comunicação, trabalho, dentre outros), surgindo termos não muito precisos que servem como marca de auto-caracterização como: pardo, mulato, caboclo, etc. Este fato, para o autor pernambucano sugere uma forma dife-

renciada de relação entre culturas que aparentemente parecem opostas, mas se cruzam formando, não só uma nova cultura, mas também uma nova civilização.

O sentido do termo democracia em Freyre parece ser definido como sinônimo de tolerância, apesar de apontar em sua obra uma relação violenta sempre presente entre dominantes e dominados, típica do regime escravocrata. Violência e intimidade, apesar de parecer oposições corriam juntas na formação do povo brasileiro, como sugere a obra do autor pernambucano. As fontes organizadas e analisadas demonstram esta proximidade violenta e, ao mesmo tempo íntima dos grupos sociais que compõem a formação histórica e social do brasileiro.

Apesar de muitas vezes os confessionários terem absolvido os segredos pessoais e de família, Freyre consegue encontrar, em fontes não convencionais para a sua época, uma forma para entender a história íntima da realidade brasileira que deu origem a suas principais obras, particularmente Casa-Grande & Senzala. As confissões e denúncias registradas pelo Santo Ofício, em visitas ao Brasil, servem como material precioso para compreender, dentre outras coisas, a idade das moças casarem, os jogos, a pompa das procissões, a vida doméstica e moral cristã das famílias, homens casados que se casam outra vez, inclusive com mulatas, técnicas relativas ao ato sexual consideradas pela igreja como pecado, como a “felação” por exemplo, etc.

Outra fonte preciosa usada por Freyre em Casa-Grande & Senzala, são os registros escritos dos “recolhedores de fatos”. Estes eram personagens componentes da realidade social brasileira dos séculos XVIII e XIX, e se preocupavam em colecionar em cadernos, mexericos e casos vergonhosos que poderiam depor contra as famílias mais ricas do Brasil na época. Conta Freyre (s/d) que consegue encontrar alguns destes cadernos na Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Além destes documentos, G.F. recorre a inventários, cartas de semarias, testamentos, correspondências da corte e ordens reais; relatórios

de bispos e pastorais; atas de sessões de Ordens Terceiras, confrarias, santas casas; atas e o registro geral da Câmara de São Paulo; *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo* de Afonso de Taunay; livros de assento de batismo, óbitos e casamentos de livres e escravos e os de rol de famílias; autos de processos matrimoniais; estudos de genealogia de diversos autores; relatórios de juntas de higiene; documentos parlamentares; estudos e teses médicas; documentos do Arquivo Nacional, da Biblioteca Nacional, do Instituto Histórico Brasileiro, além de cartas pessoais de famílias, livros de viagem de estrangeiros, cartas dos jesuítas, crônicas, romances, livros de etiqueta, de receita, coleções de jornais, folhetins e iconografia da escravidão e vida patriarcal, dentre desenhos, gravuras, aquarela e pinturas.

Segundo o autor, a riqueza do material é tanta que não deu para organizá-lo em uma só obra. Desta forma o autor compõe outras obras que viriam a dar continuidade ao famoso e tão comentado livro Casa-Grande & Senzala, como Sobrados & Mucambos, Ordem & Progresso, dentre outros. Todos eles tendo como eixo central a tentativa de compreensão da formação social e cultural do povo brasileiro.

Este ecletismo do autor pernambucano romperia as barreiras do que se considerava fonte de pesquisa na época, incluindo nesse rol inclusive sua memória pessoal e histórias que lhe haviam contado quando criança, transformando tudo em fonte de pesquisa.

A SOCIOLOGIA GENÉTICA E A ECOLOGIA SOCIAL APLICADAS À COMPREENSÃO DA REALIDADE BRASILEIRA

É comum nos dias de hoje leitores, que não costumam situar a obra do autor no tempo em que foi produzida, acusarem Freyre de “racista” quando se deparam com essa idéia da “democracia social” construída pelo autor pernambucano. O “assombro” destes leitores

“distraídos”, encontra-se na constatação da gritante diferença no acesso de bens de consumo, dos cargos eletivos no campo da política institucional, do emprego bem remunerado, sem falar das piadas e termos pejorativos usados contra os “negros” ou índios, ressaltando sempre a idéia da superioridade do “branco” no Brasil. Diante desta constatação nos dias de hoje, a idéia da “democracia social” parece despropositada.

O problema deste tipo de leitura é que sua obra passa a não ser contextualizada no tempo e no espaço em que G.F. a produziu. Grande parte da produção intelectual brasileira do final do século XIX e início do século XX, respeitando as diferenças e particularidades dos vários autores da época, além de serem presas a ressaltar grandes fatos e heróis, como dito antes, ancoravam seus argumentos na idéia de o país não ter dado certo por causa da “irracionalidade” dos povos “não civilizados” que fizeram parte da formação do povo brasileiro, como é o caso das obras de Nina Rodrigues, de Oliveira Viana dentre outras. Casa-Grande & Senzala surge como contraponto desta idéia geral, levando ao extremo a sua crítica, apontando inclusive aspectos positivos na forma particular em que se deu a colonização no Brasil.

Nesse aspecto G.F. deixa de buscar aquilo que aponta para as carências da sociedade brasileira, e passa a tentar chamar atenção para a especificidade da nova civilização nascida nos trópicos. Portanto, não se pode fazer uma leitura de sua obra transpondo automaticamente o seu pensamento para a nossa época em que o anti-racismo passa a ser considerado uma atitude de bom senso. Na época em que Casa-Grande & Senzala foi lançado, apesar de já existirem alguns autores que trabalhavam na mesma perspectiva, como Manoel Bonfim, Joaquim Nabuco, Paulo Prado, dentre outros, a ideologia do “branqueamento” era dominante na intelectualidade brasileira. Ideologia esta muita bem descrita em sua formação na obra Sobrados & Mucambos.

Em seus argumentos, direcionados para a crítica do ceticismo, “branqueamento” ou

europização da cultura brasileira, como lembra bem Thomaz (2001), Freyre analisa o processo de formação social do Brasil chamando a atenção que os diferentes grupos presentes na dinâmica social do país não se isolam formando guetos, mas formam um amálgama como se estivesse sendo orientado por uma eficiente política social de assimilação. Essa assimilação não se dava no plano jurídico, religioso, administrativo ou a partir das instituições escolares, mas sim no ato sexual.

Freyre chama atenção em Casa Grande & Senzala, que as relações entre brancos e os “de cor” no Brasil, desde a primeira metade do século XVI, foram condicionadas pelo sistema econômico da monocultura latifundiária e pela escassez de mulheres brancas entre os conquistadores. Vencedores do ponto de vista militar e técnico sobre os índios nativos e povos africanos – povos estes forçados a sair de suas terras e trabalhar como escravos para o português colonizador – o europeu e seus descendentes tiveram de condescender, criando zonas de confraternização compostas por relações sexuais e sociais, com seus dominados que não aboliam completamente a condição de escravo do índio e depois do negro, mas criava brechas que faziam com que indivíduos escravos se tornassem não escravos quando os donos da Casa-grande assumiam, tanto a aliança com mulatas e caboclas, quanto a paternidade de crianças que nasciam da relação.

O fator preponderante para esta transigência do europeu foi a falta de mulheres brancas, aproximando senhores e escravas. Aproximação esta não muito ortodoxa com relação aos dogmas católicos. A poligamia, apesar de não ser oficial, era comum dentre os donos da casa-grande. Além disso, o patriarcalismo era o regime político dominante, favorecido pela escravidão e a economia da monocultura agrícola, aproximando, segundo o autor pernambucano, nossa economia do feudalismo, o que é contestável nos modelos de explicação da formação econômica do Brasil produzida nos tempo atuais.

Para Freyre, a casa-grande venceu a igreja no Brasil. Vencido os Jesuítas que dominaram a colônia até meados do século XVII, quem passa a dominar logo após é o senhor de engenho. O autor demonstra esta passagem com detalhes em *Casa-Grande & Senzala*. O livro *Sobrados & Mucambos*, como sugere Thomaz (2001), introduz a mudança e o movimento da urbanização, do ciclo do ouro e da vida da corte para o Brasil, favorecendo novas ambigüidades e novos antagonismos criando um novo processo civilizatório que tende à “europeização” do branco no sobrado e a “reafricanizar” o negro no mucambo. O mulato, produzido por nossa história social, constrói um movimento plástico onde no mucambo se africaniza e o no sobrado se europeiza, repondo a tendência para a construção de uma “harmonia” entre os contrários que passam por um processo de mestiçagem. Tendência esta já presente no período colonial.

A mulher, principalmente as negras e mulatas, apesar das mudanças históricas apontadas em *Sobrados & Mucambos*, ainda desempenham nesta obra um papel fundamental. Como cozinheiras, amas de leite ou mucamas, trazem para o sobrado as histórias do mucambo, amenizando o antagonismo, sem dissipá-lo totalmente.

A mestiçagem que resulta na assimilação e criação de uma nova civilização, para Freyre, é uma peculiaridade luso-brasileira. A soma de amor e servidão, para o autor, no Brasil é formadora de uma sociabilidade específica que tende a evitar conflitos, aproximando a casa-grande da mata tropical e da senzala. Aqui no tempo da colonização, segundo G.F., o mestiço ocupava um lugar social, sendo muitas vezes reconhecido como filho do dono da casa grande, o que não acontecia em outros países com as mesmas características do Brasil, do ponto de vista econômico e das relações de trabalho. Para ele, a história privada transcorrida na casa-grande coincide com a história social de cada brasileiro.

A idéia da compreensão de quem é colonizador no Brasil, também é relativizada pelas reflexões de Freyre. Como lembra Bastos (s/d),

o argumento do autor só pode ser entendido quando se analisa primeiramente a sua compreensão sobre a formação do povo ibérico. Para ele, o processo de fusão e acomodação que acontece no Brasil é fruto da importação de um modelo que pode ser mais bem entendido quando se analisa a formação histórica do colonizador (civilização ibérica). Para ele, tanto Portugal como Espanha, apesar de estarem situados geograficamente na Europa, não se caracterizam como países tipicamente europeus ou até mesmo se diferenciam da doutrina cristã ortodoxa. Apresentam-se de forma diferenciada parecendo um misto de Europa e África.

Portanto, a especificidade da sociedade brasileira, segundo Freyre, é herança do não europeísmo da sociedade ibérica. Bastos (s/d) lembra vários autores espanhóis que apontam suas reflexões nesta perspectiva, chamando a atenção do fato de a Península Ibérica ser um ponto de transição entre ocidente e oriente como Ortega y Gasset ou Unamuno.

Partindo deste ponto de vista, Freyre pretende demonstrar outra transição em sua obra: entre Europa e América. Ou seja, o bicontinentalismo étnico e cultural, que começa em Portugal, ganha nova dimensão no Brasil. O que permite, por exemplo, ao africano assumir também o papel de colonizador, pois muitos deles vieram de regiões que eram mais avançadas do ponto de vista tecnológico e cultural, o que repercutia na formação, principalmente, do filho do dono da Casa-Grande. Freyre aponta vários fatores que demonstram a influência da cultura negra e até da indígena na cultura brasileira no que se refere aos costumes, higiene do corpo, culinária, lendas e histórias contadas às crianças, dentre outros aspectos.

Aqui se percebe uma tentativa do autor de afastamento da sensação de dualidade produzida por boa parte dos autores de sua época. A idéia da tensão entre dois termos é refutada pela da acomodação. Acomodação que não passa só pela relação entre três povos diferentes, mas também entre o homem e natureza, formando

um complexo único que justifica a afirmativa da formação de uma nova civilização.

A dimensão do conflito na obra de Freyre não é substituída, mas vista com outros olhos. Não há na reflexão de Freyre a formação de blocos mais ou menos homogêneos, onde um caracteriza-se por ser o "bem" e outro o "mal". O que ele cria é uma leitura que apresenta uma descrição densa e detalhada das peculiaridades e diferenças próprias de uma cultura que se forma, não pela estratégia da desconfiança e separação dos corpos e espaços sociais destinados a cada segmento, mas da mistura, mesmo que imperfeita do ponto de vista econômico e político. A intimidade passa a ser central em sua reflexão. O percurso não aponta para uma análise que pode ser concluída por uma simplificação descritiva e explicativa dualista, mas sim, uma interpretação de uma realidade complexa, quase existencial ou até impressionista. Ou seja, a busca não é por um conceito final, mas uma impressão sensual que nos apresenta de forma comovente e envolvente, tentando sempre encontrar a justa medida entre o pensamento metódico e a sensibilidade.

Mais uma vez, neste aspecto impressionista, Bastos (s/d) encontra uma aproximação entre o autor brasileiro e autores espanhóis. Ortega é citado por ela como um dos exemplos. Preocupado em compreender a cultura mediterrânea, particularmente a espanhola, Ortega tenta demonstrar que não existe uma configuração cultural pura, e sim, um ecletismo historicamente definido por misturas entre povos distintos. Esta mistura, segundo a compreensão de Bastos do autor espanhol, cria uma forma particular de apreensão do mundo que é o sensualismo. Esta forma sensual rompe com as cadeias que mantêm a cultura ibérica escrava de uma ética e estética rígidas, declarando-se independente. Esta atitude constrói uma cultura fronteira ou paradoxal que tende ao equilíbrio entre o particular e o universal.

No caso do autor brasileiro, Bastos (s/d) encontra aproximação com relação aos pressu-

postos do autor espanhol e distanciamentos. Para ela o método sensual superando a rigidez racional e o encontro entre ocidente e oriente, marcam o pensamento dos dois autores. Mas, os dois distanciam-se quando apontam as conseqüência desta constatação analítica. Ortega pensa na manutenção de uma cultura aberta sujeita a transformações de seu caráter, enquanto Freyre afirma que a cultura brasileira crescerá consolidando seus próprios elementos internos, o que segundo Bastos (s/d), o aproxima de Unamuno, outro autor espanhol.

Fugindo da compreensão da percepção de Freyre sobre a política e a democracia, que não é objeto de estudo neste trabalho, percebe-se que esta idéia da tendência a consolidação enquanto civilização através do movimento e cruzamento cultural entre elementos particulares que constituem a realidade cultural brasileira, tem uma conseqüência metodológica importante. Para Freyre, os sujeitos da história passam a ser exatamente aqueles que aparentemente situam-se fora da história: o homem comum que através de suas práticas cotidianas criam o mundo em que vivem. Estes são os verdadeiros construtores da civilização brasileira, juntamente com a elite social. Ou seja, na articulação e convergência tipicamente brasileira entre o negro, o branco e o índio, é que se pode compreender o Brasil. A explicação, portanto, não está na separação, e sim, na convergência entre os três termos. Não dá para separar. Um se explica pela convergência com o outro. Desta forma em cada região e em cada tempo, a convergência se complexifica, ao mesmo tempo em que se particulariza. E esta é a grande contribuição do pensador pernambucano: a compreensão da cultura enquanto movimento, se contrapondo a visões estáticas, essencialistas, que buscam uma explicação absoluta e definitiva.

Assim, respondendo à pergunta inicial, percebe-se que sua obra é metódica, mas não rígida. Ou seja, sua leitura do Brasil é rigorosa, mas não é presa a modelos predefinidos que devem ser seguidos de forma estritamente tensa

e inteiriça. É sinuoso, tortuoso, as vezes até descompassado, apesar de coerente, aproximando-se de um tipo de literatura que libera a criatividade. É também um texto em aberto e não conclusivo, como deve ser todo e qualquer trabalho que pretende ser científico, pois, a ciência se faz com perguntas, e não com repostas definitivas demonstradas como fatos pretensamente comprovados. O trabalho científico deve sugerir continuidades e não se fechar em si mesmo. E isso Freyre faz com muita competência, fugindo da estreiteza de uma concepção de ciência rija e resistente à criatividade do pensamento livre e estimulante típico de uma boa obra de literatura.

NOTA

- ¹ Os termos aqui usados para caracterizar o que representa a formação da nação brasileira foram tomados de empréstimo de uma citação de José Honório RODRIGUES feita por Menezes (2000), por expressar um pensamento presente nas análises de Gilberto Freyre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Elide Rugai. *Brasil: um outro ocidente? Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. Disponível na Internet no site <http://www.fundaj.gov.br/clacso>, s/d.
- BASTOS, Elide Rugai. "Gilberto Freyre e a questão nacional". in.: MORAIS, Reginaldo, ANTUNES, Ricardo & FERRANTE, Vera B. *Inteligência brasileira*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986, pg.43-76.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.
- _____. Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1968.
- _____. Gilberto. *Interpretação do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- _____. Gilberto. *Sobrados & Mucambos*. 9ed., Rio de Janeiro, Record, 1996.
- MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. *A Invenção do Brasil entre clio e o mythos: contraponto com Gilberto Freyre de Interpretación de Brasil*. Comunicação apresentada no Seminário Internacional "Novo mundo no trópico", Fundação Gilberto Freyre, Recife, 2000.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz & QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). *Raça e Diversidade*. São Paulo, EDUSP, 1996.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. "Introdução". in.: FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- WESTPHALEN, Cecília Maria. *Gilberto Freyre, historiador da vida material: os bichos, as cousas e as técnicas*. Disponível na Internet no site <http://www.fundaj.gov.br/clacso>, s/d.